

MARIA DE LOURDES PINTASILGO.
A ENORME CAPACIDADE DE SURPREENDER

Manuela Tavares

*O feminismo é a luta das mulheres pela sua autodeterminação;
é o processo de libertação de uma cultura subjugada;
é a conquista do espaço social e político
onde ser mulher tenha lugar.
Luta, libertação, conquista que significam
necessariamente uma maior riqueza
para tudo o que é humano*
Maria de Lourdes Pintasilgo: 1980: 23

Chamaram-lhe «Mulher das Cidades Futuras», «Engenheira de Utopias», «Mulher à frente do seu tempo». Foi tudo isto, é certo. Contudo, o que mais admirava nela, era a sua enorme capacidade de surpreender. E foi assim até ao último momento.

Recordo dela o seu discurso brilhante e autêntico. Aquele brilho nos olhos de quem se entusiasma pelas grandes e pequenas causas e o seu sorriso aberto de menina. Um sorriso que sempre a acompanhou. Mesmo quando, enquanto primeira ministra, uns tantos deputados a afrontaram quando discursava no parlamento. Mesmo quando sentiu o amargo sabor de uma derrota nas Presidenciais, ela que se tinha batido por uma imagem diferente da política como vem referenciado no livro *Les combats des femmes – XX siècle* (Goldmann, 1998).

Maria de Lourdes Pintasilgo faleceu num momento particularmente difícil da vida do país. Para ela, segundo Boaventura de Sousa Santos, «a gravidade da situação residia no perigo da perda de alma da nossa democracia, uma alma necessariamente frágil...» (Sousa Santos, 2004: 56). Sempre preocupada com o aprofundamento da democracia, fez da democracia participativa uma das pedras de toque do seu discurso a favor da cidadania. Uma cidadania que significava dar poder às mulheres que ela encarava como «seres reais, concretos, incarnados, com limites e possibilidades»¹.

1 Da entrevista com Anabela Mota Ribeiro no Seminário Evocativo do I Congresso Feminista e da Educação, transcrita por Fátima Grácio.

No seu livro «Cuidar o Futuro», Maria de Lourdes Pintasilgo fala de uma nova voz: a do poder das mulheres. «Só ocorrerá uma mudança se as mulheres, totalmente conscientes dos seus direitos e responsabilidades, em todos os níveis, expressarem as suas convicções colectivamente. Esta será, verdadeiramente, uma voz diferente: uma voz que vai procurar integrar em vez de excluir, uma voz que vai estimular a convergência em vez da separação, que vai abandonar direitos abstractos para substituí-los por capacidades vividas, uma voz que coloque a justiça directamente nas mãos daqueles que têm capacidade para cuidar dos outros» (Pintasilgo, 1998: 287).

As preocupações pelos direitos das mulheres enquanto direitos humanos estiveram sempre presentes ao longo da sua vida. Em 1957, assume a dinamização do Movimento Internacional de Mulheres Cristãs, o GRAAL, que tinha sido fundado na Holanda, em 1921, a partir de um grupo de estudantes da Universidade de Nimegue. Nos anos de 1970 preside à comissão interministerial sobre a política social relativa à mulher. Inspiradora da formação da então Comissão da Condição Feminina, destacou-se, ao nível internacional na UNESCO, no Conselho da Europa, na OCDE e nas Nações Unidas, em comissões onde os direitos das mulheres estiveram sempre presentes.

Ministra dos Assuntos Sociais nos governos do pós-25 de Abril foi a única Primeira-Ministra que tivemos em Portugal (1979/80). Ocupando aquele cargo por 100 dias, mostrou através do seu dinamismo que a escassez dos dias podia ser vencida pela criatividade e inteligência. Uma inteligência emocional que também caracterizou a sua candidatura à presidência da república, em 1986. Fazer política com afecto, com paixão, com ideias inovadoras, contra as políticas do «faz de conta» e da mediocridade, eis um dos eixos de uma outra imagem da política que nos deixou Maria de Lourdes Pintasilgo. Como afirma Eduardo Lourenço no prefácio do livro que reúne as suas entrevistas enquanto Primeira Ministra: «Pela primeira vez (...) se desenhou entre nós a imagem de uma outra política, cujo perfil não se definiu apenas por ser diferente daquelas que a haviam precedido, mas por ser ou conter, em germe, uma outra ideia de política» (Lourenço, citado por Pezarat Correia, 2000: 245).

Mulher que se batia por aquilo em que acreditava. Que fazia «uma trança de riso em vez da lágrima», que «teimava na esperança», no dizer de Maria Teresa Horta no Retrato a ela dedicado na «Mulher das Cidades Futuras» (Horta, 2000: 229).

Os meus contactos com Maria de Lourdes Pintasilgo foram esporádicos mas intensos. No apoio à sua candidatura presidencial, na entrevista que lhe fiz na altura do mestrado, em algumas idas ao Terraço, em mesas de conferências e seminários. Em cada encontro que tínhamos era como se nos conhecêssemos há muito tempo. O seu sorriso autêntico contagiava quem a rodeava. A convicção com que falava fazia-nos acreditar. E em todas as ocasiões, a sua lucidez surpreendia-me. Quando afirmava, por exemplo, que as mulheres que estavam presentes na vida política, assumindo-se como mulheres, traziam inevitavelmente alguma

perturbação ao sistema. Como sucedeu no seminário evocativo do I Congresso Feminista e da Educação, em Maio de 2004, quando defendeu a actualidade das Novas Cartas Portuguesas. Quando, na mesma realização – a sua última participação pública numa iniciativa feminista – afirmou, na parte final da conversa com Anabela Mota Ribeiro, perante a pergunta: «Qual seria a coisa última que daria o sentido final e exaltante à sua vida?», «Neste momento da minha história, era poder ver e contribuir ainda para uma grande força colectiva das mulheres, pela permanente convicção (mesmo que me chamem teórica) de que, em conjunto, as mulheres podem trazer e ir buscar, desde o mundo mítico, ficcional e até à própria história, os elementos que podem tornar a nossa qualidade de vida melhor, levando todas a gerar o mundo. Os homens estão a geri-lo, nós, mulheres, gostaria muito que o gerássemos»².

Referências Bibliográficas

- Correia, Pezarat (2000), «Depoimento», in *Mulher das Cidades Futuras*, Lisboa, Livros Horizonte,
- Goldmann, Annie (1998), *Les combats des femmes – XX siècle*, Paris, Casterman-Giunti.
- Horta, Maria Teresa (2000), «Retrato». Em *Mulher das Cidades Futuras*, Lisboa, Livros Horizonte.
- Pintasilgo, Maria de Lourdes (1980), *Os novos feminismos*, Lisboa, Moraes Editores.
- Pintasilgo, Maria de Lourdes (1998), *Cuidar o futuro – um programa radical para viver melhor*, da Comissão Independente População e Qualidade de Vida, Lisboa, Trinova Editora.
- Sousa Santos, Boaventura de (2004), «Momento sombrio», in *Visão*, 15 de Julho de 2004 (p. 56).

Manuela Tavares foi presidente da UMAR – União de Mulheres Alternativa Resposta, entre os vários cargos que tem desempenhado. Tem desenvolvido trabalho e publicado vários artigos na área dos Estudos sobre as Mulheres.

2 Do texto de Fátima Grácio sobre a conversa entre a jornalista Anabela Mota Ribeiro e Maria de Lourdes Pintasilgo, no seminário evocativo do I Congresso Feminista e da Educação, em 6 de Maio de 2004, na Reitoria da Universidade Nova de Lisboa.